

# OS "KEYNESIANOS" NEOCLÁSSICOS E OS PÓS-KEYNESIANOS

*Fernando Ferrari Filho\**

## **Introdução**

A Teoria Geral do Emprego, dos Juros e da Moeda, de John Maynard Keynes, publicada em 1936, tem gerado inúmeras interpretações e controvérsias na teoria econômica. As versões interpretativas das idéias de Keynes contidas na Teoria Geral são centradas nas proposições de que, por um lado, o desemprego involuntário pode ser considerado um caso particular do modelo clássico, devido tão-somente à rigidez do salário nominal, uma vez que, no longo prazo, a economia tende ao pleno emprego, e de que, por outro, o princípio da demanda efetiva se constitui no argumento central do pensamento keynesiano. Essas proposições teóricas, por sua vez, têm contribuído para que as discussões em macroeconomia sejam fundamentadas a partir de dois paradigmas em Economia, quais sejam, teoria neoclássica, identificada com a primeira proposição, e teoria pós-keynesiana, associada à proposição do princípio da demanda efetiva.

Este artigo tem como objetivo apresentar, de maneira sucinta, as principais idéias das versões interpretativas da Teoria Geral inseridas em um dos dois paradigmas, o neoclássico e o pós-keynesiano.

Para tanto, o artigo está dividido como segue: na seção inicial, as atenções estão voltadas para os modelos walrasianos, sejam de equilíbrio, sejam de desequilíbrio, que, de certa forma, fazem parte da tradição neoclássica; na seção seguinte, são apresentadas duas versões das idéias de Keynes que estão associadas aos argumentos da teoria pós-keynesiana; por fim, na última seção, alguns comentários conclusivos tentam mostrar quais são as (in)compatibilizações das interpretações teóricas de ambas as escolas de pensamento com relação à Teoria Geral.

---

\* Professor do Departamento de Ciências Econômicas da UFRGS.

O autor gostaria de agradecer os comentários do colega Aod Cunha de Moraes Jr. Como de praxe, cabe ressaltar que os erros remanescentes são atribuídos tão-somente ao autor.

# 1 - As interpretações da Teoria Geral segundo a tradição neoclássica

## 1.1 - Os modelos IS/LM

Basicamente, dentro do que se denomina na literatura econômica de Síntese Neoclássica<sup>1</sup>, se pode identificar três modelos macroeconômicos de equilíbrio walrasiano originados a partir das idéias de Keynes encontradas na **Teoria Geral**: modelos que formalizam as condições de equilíbrio simultâneo dos mercados real e monetário, modelos que estão centrados no comportamento da função consumo e modelos nos quais as condições de equilíbrio do mercado de trabalho estão em conformidade com os equilíbrios dos mercados real e monetário (Minsky, 1975, p.19-20).

Dos modelos acima, sem dúvida nenhuma, a interpretação mais divulgada da **Teoria Geral**, sendo inclusive amplamente discutida nos livros-texto de Macroeconomia, diz respeito aos equilíbrios interdependentes dos mercados real e monetário, que, como se sabe, têm como origem os diagramas IS/LM propostos por J. Hicks (1937). Apesar de os diagramas IS/LM identificarem algumas idéias centrais da **Teoria Geral**, tais como a preferência pela liquidez, o princípio da demanda efetiva e o multiplicador da renda, Hicks comete alguns equívocos de interpretação do pensamento keynesiano. Por um lado, refuta a concepção marshalliana de Keynes de equilíbrio parcial e, conseqüentemente, introduz a idéia de equilíbrio walrasiano na **Teoria Geral**. Por outro, a interpretação hicksiana, além de departamentalizar os equilíbrios real e monetário, desconsidera o papel das expectativas e incerteza, essência da teoria keynesiana, na formalização dos modelos IS/LM.

A partir dessas idéias, Hicks constrói dois modelos de comportamento de demanda agregada, um clássico e outro keynesiano, tendo como estrutura básica a rigidez da oferta agregada. O desenvolvimento analítico dos modelos, por sua vez, faz com que Hicks conclua que a economia keynesiana consiste em um caso particular da economia clássica, na medida em que "(...) a Teoria Geral do Emprego é a Economia da Depressão"<sup>2</sup>.

Anos mais tarde, quando os diagramas IS/LM se tornaram conhecidos na literatura econômica como Hicks-Hansen *framework*, os modelos "keynesianos" de equilíbrio geral walrasiano sofisticaram-se através do trabalho de D. Patinkin (1956).

A "originalidade" de Patinkin (1956) foi discutir a teoria keynesiana dentro de um *approach* teórico walrasiano de longo prazo, onde as flexibilidades de preços e salários passam a ser imprescindíveis. Assim sendo, numa situação de longo prazo, o desemprego involuntário deixaria de existir e, portanto, o equilíbrio walrasiano teria sua consistência lógica.

<sup>1</sup> O desenvolvimento da Síntese Neoclássica pode ser observado a partir dos trabalhos de J. Hicks (1937), A. Hansen (1941), F. Modigliani (1944) e D. Patinkin (1956).

<sup>2</sup> "(...) the General Theory of Employment is the Economics of Depression" (Hicks, 1969, p.253).

Nesse sentido, os desequilíbrios da teoria keynesiana passam a ser analisados como desequilíbrios "dinâmicos" do modelo walrasiano de curto prazo, que são compatíveis com a situação de longo prazo da economia, pleno emprego walrasiano. Em outras palavras, a **Teoria Geral**, mais uma vez, continua sendo um caso especial da teoria clássica, onde, agora, se supõe a rigidez dos salários nominais.

A Síntese Neoclássica, portanto, transforma a instabilidade do sistema econômico keynesiano, no curto prazo, em uma prosperidade de equilíbrio de longo prazo da economia, conduzida, principalmente, pelas forças de mercado e pela "mão invisível".

## 1.2 - Os modelos de desequilíbrio

Nos anos 60 e 70, a Síntese Neoclássica passou a ser alvo de inúmeras críticas. O motivo principal das críticas era o de que os modelos walrasianos de equilíbrio geral não estavam conseguindo prever o comportamento de preços e a produção da economia mundial face aos choques de oferta.

Dentre as críticas surgidas naquela ocasião, destacam-se os trabalhos de R. Clower (1965) e A. Leijonhufvud (1968), que procuram mostrar a possibilidade de haver situações de desemprego involuntário a partir de modelos que analisam os comportamentos de quantidades e preços nas funções de preferência dos agentes econômicos.

Seguindo a lógica do processo de ajustamento da economia através de preços e quantidades, surgem, posteriormente, os trabalhos de J. Benassy (1975) e E. Malinvaud (1977), que discutem os modelos macroeconômicos com fundamentos microeconômicos.

Em que consiste a lógica do modelo desequilibrista no comportamento da economia? Inicialmente, deve-se ter ciência de que, numa situação onde há restrições de demanda conforme supõe a teoria keynesiana, o ajustamento da economia se realiza, em primeiro lugar, nas quantidades<sup>3</sup> e, posteriormente, nos preços. A partir dessa sistemática, o modelo tem o seguinte comportamento na economia: no primeiro momento, os agentes econômicos expressam suas demandas e ofertas nos mercados; em seguida, dentro de um processo de trocas, cada indivíduo realiza transações de maneira que, havendo qualquer tipo de racionamento, possam ocorrer incorporações de restrições do processo de trocas nas suas funções comportamentais; finalmente, após uma seqüência ininterrupta de trocas, existe uma convergência para um ponto de equilíbrio na economia, que não necessariamente coincide com o equilíbrio walrasiano de longo prazo. Como se percebe, os desequilibristas interpretam a **Teoria Geral** como sendo a que representa uma situação na qual a maximização do modelo keynesiano, com restrições de venda, por parte dos empresários, e de demanda por consumo, por parte das famílias, se realiza pelos comportamentos das quantidades nacionais, que são

---

<sup>3</sup> As quantidades demandada e ofertada, segundo os desequilibristas, são, por um lado, efetivas e/ou realizadas e, por outro, desejadas e/ou nacionais.

senalizadas por um vetor de preços não necessariamente walrasiano. Apesar de incorporar os conceitos *ex-ante* e *ex-post* em suas análises, o que, de certa maneira, está identificado com a **Teoria Geral**, os desequilibristas admitem que, devido ao perfeito comportamento do sistema de preços ajustado ao longo do tempo, a economia pode atingir o equilíbrio walrasiano de longo prazo.

Dessa maneira, a teoria de desequilíbrio, de certa forma, passa a ser, também, um caso particular da Síntese Neoclássica.

### 1.3 - Os modelos dos "novos clássicos"

Apesar de a teoria das expectativas racionais ter sido discutida inicialmente por J. Muth (1961), os modelos expectacionais ganharam espaço na literatura econômica nos anos 70, através, principalmente, dos trabalhos de R. Lucas Jr. (1972) e T. Sargent (1987).

Os objetivos dos modelos dos "novos clássicos", conforme ficaram denominados os modelos de expectativas racionais, são, por um lado, criticar a versão friedmaniana da Curva de Phillips<sup>4</sup> e, por outro, apresentar uma visão alternativa à teoria keynesiana para os modelos de ciclos econômicos.

O ponto central das expectativas racionais está na construção de um modelo de revisão das expectativas subjetivas dos agentes econômicos. Para que as expectativas sejam racionais, as esperanças matemáticas subjetivas dos agentes econômicos devem ser iguais às esperanças matemáticas condicionais do próprio modelo. Dessa maneira, os indivíduos agem como se conhecessem o modelo e formam suas expectativas conforme o comportamento das variáveis determinadas aprioristicamente pelo sistema econômico.

O funcionamento da economia passa, então, a ter a seguinte sistemática: a partir das informações disponíveis, os agentes econômicos acreditam nas regras de política econômica determinadas pelas autoridades monetárias e passam a projetar as variáveis endógenas, essencialmente as expectativas subjetivas, com base nas previsões das variáveis exógenas de demanda agregada.

Assim sendo, numa situação onde os mercados se equilibram e os agentes econômicos se comportam segundo seus próprios interesses, maximizando suas funções utilidade e lucro, a teoria das expectativas racionais supõe que qualquer choque exógeno na economia não produz efeito nas variáveis reais do sistema econômico, na medida em que os distúrbios casuais, sejam reais, sejam monetários, são previamente antecipados pelas expectativas subjetivas dos agentes econômicos.

---

<sup>4</sup> A crítica dos "novos clássicos" à versão de Friedman para a Curva de Phillips decorre do fato de que as expectativas não devem ser formadas de forma adaptativa, conforme supunha Friedman, mas, sim, de maneira racional. Assim sendo, uma vez dirimidos os erros de previsão, a Curva de Phillips, tanto no curto quanto no longo prazo, torna-se instável.

Uma vez que a construção de um modelo de expectativas racionais está baseada nas hipóteses de que há uma obtenção completa das informações por parte dos agentes econômicos e de que inexistente um processo de incerteza na economia, os "novos clássicos" supõem que o sistema econômico, tanto no curto quanto no longo prazo, sempre está na sua taxa natural de desemprego e que, portanto, o *trade-off* entre inflação e desemprego não passa a ser o centro das atenções da política econômica.

Pelas considerações acima, observa-se que qualquer interpretação keynesiana a partir de um *approach* de expectativas racionais obscurece dois pontos essenciais do pensamento de Keynes na Teoria Geral, quais sejam a natureza do tempo histórico no processo econômico e a formação das expectativas objetivas, ao invés de subjetivas, em um mundo de incerteza. Em outras palavras, a transformação do sistema econômico em um processo de controle estocástico, onde o risco probabilístico substitui a incerteza da economia, não condiz com as idéias de Keynes.<sup>5</sup>

## 2 - Os pós-keynesianos

De maneira geral, o principal objetivo da teoria pós-keynesiana consiste em criticar e refutar o paradigma neoclássico cada vez mais difundido na teoria econômica.

Para tanto, os pós-keynesianos, ao resgatarem a essência do pensamento de Keynes, têm desenvolvido algumas linhas de pesquisa em Economia que estão associadas à idéia de economia monetária de Keynes, "(...) economia na qual as variações de pontos de vista sobre o futuro são capazes de influenciar a quantidade de emprego e não somente sua direção"<sup>6</sup>. Assim sendo, as discussões estão quase sempre centradas no papel da incerteza, no caráter histórico do tempo e no papel da moeda e das instituições financeiras, entre outras.<sup>7</sup>

Dentre os economistas que desenvolvem estudos em teoria pós-keynesiana, destacam-se, basicamente, dois grupos de pensamento econômico: os keynesianos de Cambridge e os keynesianos "fundamentalistas".

Os keynesianos de Cambridge, Inglaterra, cujos principais representantes são J. Robinson, N. Kaldor, R. Harrod e L. Pasinetti, foram os primeiros a questionarem a teoria ortodoxa "keynesiana" a partir das óticas do crescimento e da distribuição de renda.

Partindo do pressuposto de que os modelos neoclássicos de crescimento e de distribuição de renda são incompatíveis com a visão capitalista de Keynes, esses

<sup>5</sup> Sobre as críticas aos modelos de expectativas racionais, no que concerne às questões de temporalidade e incerteza, ver P. Davidson (1982-83).

<sup>6</sup> "(...) monetary economy (...) is essentially one in which changing views about the future are capable of influencing the quantity of employment and not merely its direction" (Keynes, 1964, p.vii).

<sup>7</sup> Sobre uma discussão abrangente das linhas de pesquisa da obra de Keynes, inseridas nas distintas concepções neo-ricardiana e pós-keynesiana, ver Amadeo & Dutt (1987).

keynesianos criticam e refutam a consistência lógica e o realismo da teoria neoclássica do capital.<sup>8</sup>

Por sua vez, os keynesianos "fundamentalistas", de certa maneira identificados com o **Journal of Post Keynesian Economics**, cujos expoentes são P. Davidson e H. Minsky, têm desenvolvido seus trabalhos a partir de três frentes de pesquisa que não deixam de ser interdependentes: o papel da incerteza, a natureza da moeda e a instabilidade do sistema financeiro.

Para essa concepção keynesiana, o objetivo consiste em mostrar que as decisões de investimento, poupança e financeiras são determinadas em uma economia monetária, onde, havendo uma incerteza sobre o futuro, o processo de produção demanda certo tempo. Assim sendo, numa situação em que a incerteza acerca do futuro aumenta, os agentes econômicos passam a reter moeda, e, por conseguinte, há uma insuficiência de demanda efetiva que provoca desemprego na economia.

Independentemente, contudo, das duas visões keynesianas, ambas as escolas de pensamento têm como ponto central o fato de que as economias capitalistas são economias essencialmente monetárias, conforme Keynes assim entendia, e, portanto, passíveis de crises. Em outras palavras, para os pós-keynesianos a economia não está necessariamente em um estado permanente de pleno emprego, na medida em que as leis de mercado são incompatíveis com a instabilidade do próprio capitalismo.

### 3 - Considerações finais

Como se sabe, o projeto de Keynes na **Teoria Geral** consiste basicamente em, por um lado, negar o sistema econômico de mercado auto-equilibrante e auto-regulador e, por outro, apresentar mecanismos econômicos que evitem as flutuações e depressões econômicas.

Para tanto, Keynes desenvolve seu projeto econômico a partir de três proposições teóricas: teoria da determinação da renda (propensão a consumir e multiplicador), teoria do investimento (eficiência marginal do capital) e teoria da taxa de juros (preferência pela liquidez).

Assim sendo, qualquer interpretação da **Teoria Geral** que tente preservar a essência do pensamento keynesiano deve ter como base teórica as proposições acima mencionadas.

Das duas versões interpretativas apresentadas brevemente nas seções anteriores, sem dúvida nenhuma, a teoria pós-keynesiana, apesar de não pertencer ao *mainstream* da teoria econômica, identifica-se plenamente com as idéias de Keynes, na medida em que direciona sua análise para o comportamento de uma economia monetária que, por conseguinte, está sujeita à instabilidades. Em contrapartida, a teoria neoclássica, por

---

<sup>8</sup> Sobre uma discussão dos modelos de crescimento e distribuição entre neoclássicos e pós-keynesianos, conhecida na literatura econômica como controvérsia de Cambridge, ver Harcourt & Laing (1978).

mais que os fundamentos lógicos e analíticos de suas modelagens tenham tornado todos os economistas "keynesianos", interpreta a Teoria Geral de maneira bastante "equivocada", devido ao fato de ignorar e distorcer alguns pontos básicos da obra de Keynes, tais como inverte o efeito-causalidade entre investimento e poupança, abandona o princípio da demanda efetiva em favor da suposição da rigidez salarial, rejeita a análise dinâmico-temporal do equilíbrio keynesiano e transforma as expectativas exógenas, o animal spirits sujeito à incerteza, em endógenas, risco probabilístico.

Para finalizar, cabe ressaltar que a interpretação ortodoxa da Teoria Geral, "keynesianismo bastardo" conforme denominado por J. Robinson (1937), já havia sido questionada pelo próprio Keynes. Ao comentar o artigo de Hicks, Keynes, apesar de não criticar a essência do modelo interpretativo hicksiano, discorda das análises de Hicks sobre a eficiência marginal do capital e da taxa de juros, duas variáveis fundamentais para a dinâmica da demanda efetiva. Assim sendo, ao longo das correspondências entre ambos, Keynes, ao referir-se especificamente à taxa de juros, havia escrito que "(...) sua teoria é realmente diferente da minha, desculpe-me"<sup>9</sup>.

## Bibliografia

- AMADEO, E. & DUTT, A. (1987). Os keynesianos neo-ricardianos e os pós-keynesianos. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, IPEA, 17(3): 561-604, dez.
- BENASSY, J. (1975). Neo-keynesian disequilibrium theory in a monetary economic. *Review of Economic Studies*, 42(4):503-23, Oct.
- CLOWER, R. (1970). The keynesian counterrevolution: a theoretical appraisal. In:\_\_\_\_, ed. *Monetary theory*. New York, Penguin Books. (reimpressão do original de 1965).
- DAVIDSON, P. (1978). *Money and real world*. London, Macmillan.
- \_\_\_\_ (1982-83). Rational expectations: a fallacious foundation for studying crucial decision-making processes. *Journal of Post Keynesian Economics*, 5(2):182-98, Winter.
- FRIEDMAN, M. (1968). The role of monetary policy. *American Economic Review*, 58(1):1-17, Mar.

<sup>9</sup> "(...) your theory is really quite different, forgive me" (Keynes, 1973, p.83).

- HANSEN, A. (1941). **Fiscal policy and business cycles**. New York, Norton.
- HARCOURT, G. & LAING, N. (1978). **Capital e crescimento econômico**. Rio de Janeiro, Interciência.
- HICKS, J. (1969). Mr. Keynes and the "classics": a suggested interpretation. In: HUFFRAGLE, J. & WILLIAMS, H., ed. **Macroeconomic theory: selected readings**. New York, ACC. (reimpressão do original de 1937).
- KEYNES, J. M. (1964). **The general theory of employment, interest and money**. New York, HBS Book.
- \_\_\_\_ (1973). **The general theory and after: defence and development**. London, Macmillan. (Collected Writings of John Maynard Keynes, 14).
- LEIJONHUFVUD, A. (1968). **On keynesian economics and the economics of Keynes**. New York, Oxford Univ.
- LUCAS Jr., R. (1972). Expectations and the neutrality of money. **Journal of Economic Theory**, 4(2):103-24, Apr.
- \_\_\_\_ (1980). Methods and problems in business cycle theory. **Journal of Money Credit and Banking**, 12(4):696-715, Nov.
- MALINVAUD, E. (1977). **The theory of unemployment reconsidered**. New York, Basil Blackwell.
- MINSKY, H. P. (1975). **John Maynard Keynes**. New York, Macmillan.
- MODIGLIANI, F. (1944). Liquidity preference and the theory of interest and money. **Econometrica**, 12:45-88, Jan.
- MUTH, J. (1961). Rational expectations and the theory of movements. **Econometrica**, 29:315-35, July.
- PASINETTI, L. (1979). **Crescimento e distribuição de renda: ensaios de teoria econômica**. Rio de Janeiro, Zahar.
- PATINKIN, D. (1956). **Money, interest and prices**. New York, Harper & Row.
- ROBINSON, J. (1959). **Ensayos de economia poskeynesiana**. Mexico, Fondo de Cultura Económica.
- \_\_\_\_ (1937). **Introduction to theory of employment**. London, Macmillan.
- SARGENT, T. (1987). **Macroeconomic theory**. Orlando, Academic Press.
- SARGENT, T. & WALLACE, N. (1975). Rational expectations, the optimal monetary instrument, and the optimal money supply rule. **Journal of Political Economy**, 83(2):241-54, Apr.



## **Abstract**

**This article presents the principal ideas of two paradigms in Economics that, directly or indirectly, interpret Keynes' General Theory. That is to say, it compares two schools of economic thought which are related to keynesian theory: neoclassical keynesian theory (neoclassical synthesis, disequilibrium and rational expectations) and post keynesian theory. In the first part, it is concentrated on the models that present keynes' ideas in the neoclassical approach. In the second part, it shows the main branches of post keynesian theory. The article concludes that the keynesian theory is incompatible with the first interpretation, due to the fact that it rejects some of Keynes' ideas found in the General Theory, and that there is an important association between keynesian and post keynesian theories because both of them try to analyse a theory that explains a monetary economy.**